

## A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares

# 2

*Oral history and its contributions  
to the study of school cultures*

Milena Aragão\*  
Jordana Wruck Timm\*\*  
Lúcio Kreutz\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo evidenciar as contribuições da História Oral como um importante caminho metodológico para os estudos das culturas escolares. Para tanto, o texto inicia discutindo as mudanças ocorridas no campo da História, que deram voz aos sujeitos do cotidiano. Em seguida o conceito de culturas escolares é entrelaçado à História Oral, sendo abordada como uma das possibilidades para recuperar os registros do passado através da subjetividade dos sujeitos de hoje. O artigo é concluído através de uma reflexão sobre as contribuições desta abordagem metodológica para a História da Educação e os estudos das culturas escolares, bem como sinalizando a importância de os agentes da escola perceberem-se como protagonistas da história, questionando certezas, dualidades, a fim de colaborar na compreensão da sua construção sociocultural, bem como dos espaços em que atuam.

**Palavras-chave:** História Cultural. História da Educação. Culturas Escolares. História Oral.

**Abstract:** The proposal of this paper is to show up the contributions of the Oral History as methodological way for the studies of the school cultures. The paper begins discussing the changes occurred in the field of the History that gave voice to the ordinary man. Next, the concept of school cultures is

\* Psicóloga. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju – SE – Brasil. Bolsista Fapitec/SE. *E-mail:* mi.aragao@yahoo.com.br.

\*\* Pedagoga. Psicopedagoga. Mestranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. Bolsista Prosup/Capes. *E-mail:* jordanawruck@hotmail.com.

\*\*\* Doutor em Educação pela PUC/SP. Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. *E-mail:* lkreutz@terra.com.br.

intertwined to the Oral History. The paper is ended through a reflection on the contributions of the Oral History for the Education History and the studies of the school cultures.

**Keywords:** Cultural History. Education History. School Cultures. Oral History.

### Palavras iniciais

“Entrei na escola com sete anos, no Grupo Escolar. A primeira professora foi a Madalena Menegusso e tinha a professora Maria Filini [...] Eu fiz até a sexta série e rodei só um ano. O livro que era considerado o término [...] não lembro mais o nome do livro... Mas tinha um livro que era só para a leitura, e quem sabia aquele livro já tinha terminado. E tinha o manuscrito também. O manuscrito era um livro que tinha todas as letras do ABC, assim em manuscrito mesmo, e a gente preenchia do lado. É a coisa mais linda aquele livro [...]. O conteúdo que a professora ensinava era Linguagem, o que era Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências. Tudo em cadernos separados [...]. Educação Física tinha também. Música tinha cantos [...] Escrevíamos na pedra, ‘pedra losa’ como a gente chamava. Na pedra a gente escrevia com uma pena. Ela parecia feita de ferro, mas não era. E pra fazer a pontinha a gente passava na pedra, a gente arrumava pra depois escrever. Sempre tinha tema, não muita coisa mas tinha. Agora na pedra, era mais ruim porque se apagava tudo [...]”<sup>1</sup>

Este breve relato, fragmento de uma vida, só pôde ser inserido neste artigo em decorrência de profundas mudanças epistemológicas que puseram na berlinda antigos marcos conceituais da História. Velhos modelos explicativos deram lugar a novos olhares. Explicações globalizantes e certezas inquestionáveis foram postas em xeque; as escolas abriram suas portas para o estudo de sua cultura; os sujeitos ganharam cor e as fontes foram ampliadas. Nesse percurso, a vida de sujeitos comuns passou a ser vista como mais uma possibilidade para compreensão da História, da História da Educação e das culturas escolares.

---

<sup>1</sup> O depoimento em destaque é fruto de entrevistas realizadas na década de 1980 por duas professoras componentes do projeto “Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas da Região Nordeste do Rio Grande do Sul (Ecirs/UCS)”, que tem como objetivo investigar a imigração italiana vinda para essa região. O fragmento em questão é da senhora Emma Nilza Citton Faccio residente em Antônio Prado, nascida na década de 1920.

Dessa forma, este artigo se propõe a evidenciar as contribuições da História Oral como um importante caminho metodológico para os estudos das culturas escolares, na medida em que observa os sujeitos como atores nesse universo. A partir da escuta do outro, de sua história de vida, é possível investigar a história das disciplinas escolares, a cultura material escolar, as práticas e representações, enfim, a história da educação. Conforme Bastos (2003, p. 250), “o objeto da história não seria um fato dado, existido, interpretável, mas as práticas que se estabelecem cotidianamente no fazer de um grupo social, inclusive através dos discursos”.

Buscamos acentuar que não temos a intenção de produzir um estado da arte sobre a História Oral, mas discuti-la como um importante caminho metodológico no estudo das culturas escolares. Em outras palavras, os portões das escolas podem ser abertos não só com documentos oficiais; é possível investigar a cultura de uma determinada instituição educativa através do testemunho oral de seus atores, dos sujeitos do cotidiano, na figura de alunos, professores, pais, gestores e funcionários.

Como caminho metodológico, iniciamos o texto dissertando sobre as mudanças ocorridas no campo da História, as quais deram vozes aos sujeitos do cotidiano. Frisamos que pensar a história através da cultura, ou seja, olhar o mundo através das lentes da História Cultural implica necessariamente abandonar os pressupostos que concebem a cultura como um sistema fechado e entendê-la como fruto da construção humana, sendo uma forma simbólica de explicar e traduzir a realidade, partilhada pelos homens ao longo do tempo. (CHARTIER, 1990).

Em seguida, versamos sobre a cultura escolar, entendendo que abrir os portões de uma escola é um convite a entrar em um universo complexo, imerso numa rede de relações e significações envolvendo sujeitos, artefatos, tempos, espaços. Nesse ínterim, professores, funcionários, família, gestores e alunos ganham visibilidade, compreendendo que eles, também, trazem as marcas da cultura. Neste contexto, a metodologia da História Oral é vista como uma das possibilidades para recuperar os registros do passado, através da subjetividade dos sujeitos de hoje. A História Oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos, que são problematizados por meio do diálogo com as experiências dos sujeitos, narrativas estas impregnadas de significações apropriadas ao longo da vida. Assim, entrelaçamos a teoria da História Oral com o depoimento da senhora Emma Nilza Citton Faccio, a fim de refletir sobre o uso da fonte oral como mais uma possibilidade para a investigação das culturas escolares.

O artigo é concluído com uma reflexão sobre as contribuições da metodologia da História Oral para a História da Educação e os estudos das culturas escolares. É enfatizada, também, a importância de observarmos as diferentes realidades que constituem o universo escolar, indagando tanto o que ocorre intramuros (corredores, pátio, sala de aula, reuniões), quanto extramuros, entendendo esse diálogo como ora pacífico, ora conflituoso.

### Um novo olhar para Clio

Clio é considerada a deusa da História. Seu nome significa *Proclamadora*. A imagem que a representa é a de uma jovem mulher que carrega um livro em uma mão e uma trombeta na outra. O livro, de Tucíades, simboliza a escrita da história e o relato das realizações; a trombeta remete à proclamação dos acontecimentos, sua anunciação.<sup>2</sup>

Na História que aprendemos na escola, Clio transitava por um terreno linear, contínuo, causal, permeado por verdades absolutas. A História era vista “de cima”. Sua escrita trazia importantes nomes, feitos grandiosos. Reis e imperadores tinham lugar de destaque numa História preocupada em buscar “o verdadeiro caráter dos fatos sociais”. (AZEVEDO, 1993, p. 166). Com sua trombeta anunciava os heróis, os conquistadores, as grandes lutas, as dualidades dominador x dominado. Os documentos, fontes para a História, eram representações fiéis da realidade, incontestáveis. (PESAVENTO, 2008, CHARTIER, 1990 e 2002).

Nesse contexto, o marxismo, uma importante posição interpretativa da História, teve destaque como proclamador de uma História ocupada em discorrer sobre os movimentos sociais e as lutas de classe, explicando os acontecimentos em termos de dominações e resistências, denunciando um constante conflito entre capital e trabalho. Louis Althusser, filósofo francês, corroborando esses pressupostos, defendia a ideia de que os processos sociais não estão interligados às vontades dos sujeitos, ou seja, os sujeitos são determinados pelas relações de produção, pelas estruturas. Afirmava existir uma ideologia dominante que coordena suas ações. (THOMPSON, 1981). A História era escrita a partir dos processos sociais, políticos e econômicos determinando os acontecimentos.

---

<sup>2</sup> Fonte: <<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/musa-clio/>>.

Pesquisadores como Bontempi (1995) – ao investigar a produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação nas décadas de 1970 e 1980 – e Nascimento (2003), ao fazer um levantamento sobre os estudos em História da Educação em Sergipe de 1916 a 2002 –, observaram que a história da educação no Brasil começou a ter influxo marxista a partir das décadas de 1970 e 1980.

A partir do período acima citado, essas formas de pensar a História foram sendo questionadas no Brasil. A ideia de que tudo se explica através da luta de classes, de dominação e resistências e a visão global da História levaram a um afastamento dessa linha teórica em busca de outros referenciais de análise. (PESAVENTO, 2008; THOMPSON, 1981). A História carecia de novos questionamentos, novos objetos:

[...] as atitudes diante da vida e da morte, os rituais e as crenças, as estruturas de parentesco, as formas de sociabilidade, os funcionamentos escolares, etc – o que significava constituir os novos territórios do historiador por meio da anexação dos territórios dos outros (etnólogos, sociólogos demógrafos). (CHARTIER, 2002, p. 63).

Uma nova História se constituía, uma História não mais debruçada no alto de um prédio. Clio descia as escadas e se embrenhava no cotidiano, observando o mundo a partir das lentes da cultura, tirando dos becos os sujeitos ordinários.

Nesse sentido, a ideia marxista que advoga a determinação do humano aos processos estruturais é questionada. Edward Thompson, historiador inglês – mesmo reconhecendo-se marxista –, discordava da ideia de sujeitos destacados dos processos históricos, levantando a questão sobre a importância das experiências dos sujeitos anônimos, da história vista de baixo:

[...] com a “experiência” e “cultura”, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certos praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade,

como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Pensar a História através da cultura, ou seja, olhar o mundo através das lentes da história cultural implica necessariamente abandonar os pressupostos que concebem a cultura como um sistema fechado, condicionada a estruturas e construída na dualidade elite X povo. Significa, sobretudo, entendê-la como fruto da construção humana, sendo uma forma simbólica de explicar e traduzir a realidade, partilhada pelos homens ao longo do tempo. (CHARTIER, 1990). Assim, “a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Nascimento (2003) verifica que, em Sergipe, a partir da década de 1990, as pesquisas em História da Educação – antes de viés marxista – acompanham a “virada de Clio”, de modo a perceber gradativo aumento na “presença do discurso interpretativo a partir da perspectiva da história cultural, além de uma forte preocupação com as práticas escolares e os demais objetos articulados com os estudos a respeito da cultura material escolar”. (p. 59).

Todavia, para embrenhar-se nesse universo mais amplo, complexo e desafiador, há que se travestir – apropriando-se da metáfora de Ginzburg – de Sherlock Holmes, em busca de “pistas, talvez infinitesimais [que] permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)”. (GINZBURG, 2007, p. 150).

Questionar e inquietar são verbos indispensáveis ao pesquisador cultural, tendo em vista a história não estar “em cima da mesa” esperando ser pega. Não está revelada num documento oficial, tal qual foi escrito, expressando a verdade de uma época. Conforme Le Goff (1996, p. 548), “qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro [...] e falso”. Falso por poder apresentar-se como “[...] uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem” (LE GOFF, 1996, p. 548), sendo necessário ao pesquisador desconstruir, desmontar a suposta verdade do documento, a fim de analisar as condições de sua produção.

Dessa forma, na medida em que os documentos oficiais deixam de ser expressão da verdade e os “grandes intelectuais” saem do lugar de mensageiros desta, há que se procurar a História em outros espaços, ouvir novas fontes.

Nesse contexto, as fontes documentais continuam a ter seu lócus de importância nas pesquisas históricas; contudo, elas não são mais vistas como testemunhos neutros do passado, o ouvido que as escuta usa o filtro da criticidade. Ainda, novas fontes a ela se juntam, no intuito de entrecruzar informações na tessitura de uma narrativa capaz de fazer sentido, buscando critérios de verossimilhança, nunca verdades absolutas.

Assim, Clio está escondida numa foto ou num quadro; na biblioteca daquela escola que nunca foi valorizada; nas biografias dos que já se foram, num diário, numa redação, nos livros de Machado de Assis, Jorge Amado e em tantas outras literaturas, nas cartas de viajantes, nas autobiografias, nos filmes, numa música, num monumento, num *site*, nas vozes dos sujeitos ordinários, enfim, não está posta, ela brinca de pique – esconde conosco. Nossa função é encontrá-la e montar o quebra-cabeça de modo que faça sentido.

Janotti (2005, p. 10) questiona o que faz tal amplitude de material ser fonte e afirma que “a resposta está no interesse do historiador em inquirir o que essas coisas revelam sobre as sociedades às quais elas pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises”. Na perspectiva da História Cultural, o que transforma uma carteira, um *site* ou um caderno em fonte é o olhar do pesquisador, suas indagações. Clio anuncia em sua trombeta os questionamentos, as inquietações.

## **2 História oral e culturas escolares: sujeitos que falam, sujeitos que calam**

A mudança epistemológica de Clio culminou em um profundo alargamento das fontes, influenciando sobremaneira o olhar para a História da Educação. Materiais didáticos, cadernos, fotos, manuais, cartas, arquitetura, palmatória, tudo passou a ser fonte de pesquisa. As legislações foram interrogadas e os estudos sobre os sistemas educacionais abriram espaço para o estudo das culturas escolares.

Abriu os portões de uma escola é um convite a entrar em um universo complexo, imerso numa rede de relações e significações envolvendo sujeitos, artefatos, tempos, espaços. Viñao Frago (1995, p. 69) afirma que as culturas escolares são “[...] toda la vida escolar: hechos e ideas mentes y cuerpos,

objetos y conductas, modos de pensar, decidir y hacer”. A escola, vista de dentro, é desnaturalizada e relacionada a um contexto mais amplo, bem como com outras instâncias de socialização. Nesse ínterim, professores, funcionários, família, gestores e alunos ganham visibilidade, compreendendo que eles, também, trazem as marcas da cultura.

Assim, a História Oral<sup>3</sup> se mostra como um caminho metodológico capaz de dar voz aos sujeitos – protagonistas ou testemunhas de acontecimentos – e que possibilita a reconstrução da história por meio dos relatos individuais ou coletivos.

Conforme Portelli (1997), a História Oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos, que são problematizados por meio do diálogo com as experiências dos sujeitos, narrativas impregnadas de significações apropriadas ao longo da vida. Dessa forma, as narrativas produzidas são representações de sujeitos ou grupos, contendo lembranças e esquecimentos de um tempo passado, que são ressignificados no momento da entrevista. Como resultado, são produzidas as fontes orais, ou seja, narrativas que, formuladas intencionalmente, passam a ser analisadas, criticadas, interrogadas, contextualizadas. (ALBERTI, 2005).

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas [...] (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XIV).

Revisitando o relato destacado no início do texto, através da voz de dona Emma, é possível realizar diversos registros investigativos. Há possibilidades de pesquisa sobre, por exemplo, os conteúdos ministrados, bem como sobre as disciplinas escolares: “[...] O conteúdo que a professora ensinava era Linguagem, o que era Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Ciências. [...]. Educação Física tinha também. Música tinha cantos [...]”

---

<sup>3</sup> Um tratamento mais detalhado desse conceito pode ser visto em: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.



Para um pesquisador é difícil não indagar o que era ministrado nas aulas de Matemática e Linguagem, afinal, onde estava a ênfase? Que textos eram apresentados aos alunos? Que representações continham? Como era a didática docente? E a formação? Como a professora era contratada? De onde vinha? Como eram os testes? E no canto, que discursos eram disseminados? Da Educação Física Qual era o objetivo? Eram separados os meninos das meninas? Havia diferenças? Enfim, questionamentos que não cessam em si mesmos, mas que ajudam a compreender o contexto de um determinado tempo histórico, e, por conseguinte, a história da educação brasileira.

O fragmento destacado na introdução também propicia o estudo de alguns elementos da cultura material escolar: “[...] Escrevíamos na pedra, ‘pedra losa’ como a gente chamava. Na pedra a gente escrevia com uma pena. Ela parecia feita de ferro, mas não era. E pra fazer a pontinha a gente passava na pedra, a gente arrumava pra depois escrever [...].”

O estudo da cultura material escolar é um campo de investigação de suma importância para a problematização do universo escolar em sua complexidade, bem como da sociedade em seus diferentes tempos históricos, já que participam ativamente de sua construção cultural. Assim, o estudo da cultura material escolar deve envolver uma série de questionamentos relacionados não só à função do objeto, mas ao sentido que é dado a ele pelos sujeitos, seu uso, sua receptividade; sua aquisição, procedência, produção; o custo, o motivo de sua escolha, sua ausência, enfim, uma gama de investigações que ampliam o conhecimento histórico sobre educação. (VEIGA, 2000).

Apropriando-me das palavras de Felgueiras (2010), “a cultura material escolar revela uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola”. (p. 31). A autora afirma, ainda, que os materiais carregam um pouco de nós, na medida em que atribuímos a eles afetos e significados para além de sua concretude, contribuindo para a constituição de nossa subjetividade, ao mesmo tempo que nos revelamos através deles.

Conforme Bastos (2003, p. 250), “para entendermos os contextos históricos [...] precisamos entender as subjetividades que estão sendo produzidas; a partir de que discursos, de que práticas elas se produzem; quais os efeitos dessas produções”.

Vale salientar que uma das críticas à História Oral está na subjetividade do entrevistado, gerando receios de que produza distorções que prejudiquem a pesquisa. Ora, de lembranças e esquecimentos também são compostos os

documentos oficiais, tendo em vista serem construídos pelas mãos de sujeitos imersos em relações de interesses e interdições.

Durante muito tempo, desde a perspectiva positivista predominante no século XIX, a História preconizou o escrito em detrimento do oral [...] Considerava-se que os relatos pessoais, as histórias de vida e as biografias não contribuíram para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, muitas vezes distorcem os fatos e dificilmente seriam representativos de uma época ou grupo. [...] Hoje é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. (ALBERTI, 2005, p. 163).

Cabe destacar que o papel do pesquisador não é buscar as verdades contidas nas falas dos entrevistados, mas entendê-las como representações, construções, uma das possibilidades para compreender o objeto no seu contexto que, entrelaçado com outras fontes, ajudará a compor o quebra-cabeça. São esses os desafios da pesquisa: articular temas e questões, pondo-os em diálogo; perceber suas diferenças e conexões; trabalhar as fontes; urdir o tecido.

Nesse sentido, é possível utilizar a metodologia da História Oral na perspectiva das histórias de vida, por exemplo, para problematizar práticas e representações de professores sobre a docência, presentificando vivências que os constituíram em um dado momento histórico, colaborando para desvelar, entre diversas questões, a construção cultural e identitária de um grupo profissional.

Todavia, é importante frisar que a história oral

é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XV).

A História Oral se apresenta, então, como “mais um dos meios e acervos de informação de que dispõe o pesquisador para a construção da

percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana” [...]. (LOZANO, 2006, p. 24)

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Destarte, a metodologia da História Oral se mostra como aliada do trabalho do pesquisador que, ao encarnar Scherlock Holmes em busca de pistas contidas nas vozes dos sujeitos da escola, imprime uma mensagem há muito tempo silenciada: de que são importantes, na medida em que caminham diuturnamente com um livro embaixo do braço e uma caneta na mão, redigindo suas histórias e, por conseguinte, as histórias dos espaços em que transitam.

### Palavras finais

Compreender as possibilidades de uso da História Oral nas pesquisas em História da Educação e, mais especificamente, nos estudos das culturas escolares, passa pela apropriação de todo um movimento histórico que retirou os sujeitos dos becos e alçou-os à condição de agentes ativos e inventivos. Mudanças profundas e importantes ocorreram, culminando em novos questionamentos, novos problemas de pesquisa, novas fontes.

A História possui uma história e olhar para ela é considerar a vida, os conceitos, as teorias, os comportamentos, como uma construção, fruto de diversos conflitos, tensões e interesses. Vasculhar o cotidiano com as lentes da História Cultural é percorrer caminhos tortuosos, por vezes desafiadores,

desconstruir cristalizações e, fundamentalmente, criticar cada fala, objeto, documento ou fotografia, explorando-os como “testemunho histórico” (NASCIMENTO, 2003, p. 68), em diálogo com os contextos nos quais estão inseridos.

Relembrando o relato de vida exposto na introdução, é possível observar uma série de representações e proferir diversos questionamentos frente a ele, considerando tanto o texto, quanto o contexto. Dessa forma, é importante observar as diferentes realidades que constituem o universo escolar, indagando tanto o que ocorre intramuros (corredores, pátio, sala de aula, reuniões), quanto extramuros, entendendo esse diálogo como ora pacífico, ora conflituoso. Profícuo seria se os sujeitos da escola olhassem para si e para o seu lócus de trabalho percebendo-se, também, como protagonistas da história, questionando certezas e dualidades, a fim de colaborar na compreensão da sua construção histórica, social e cultural, bem como dos espaços em que atuam.

As pesquisas em História da Educação, na perspectiva da História Cultural, estão cada vez mais frequentes, como apontaram Nascimento (2003) e Bontempi (1995), bem como o uso da História Oral no Brasil – em especial a partir da década de 1990 – como sinaliza Alberti (2005); contudo, ainda há a necessidade de novos apontamentos e de mais criticidade por parte dos pesquisadores na problematização das fontes. Há caminhos a trilhar dentro de um terreno impregnado de reentrâncias, contornos, presenças e ausências, avanços e recuos.

## Referências

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA; Ilhéus: Uesc, 1999.
- AZEVEDO, Fernando de. *Princípios de sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1935.
- BASTOS, Christina Pinto da Silva. História e Psicologia: ferramentas para entender a educação brasileira. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CERREZZO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (Org.). *Clio-psique paradigmas: historiografia, psicologia, subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2003.
- BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. *História da educação brasileira: o terreno do consenso*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação. PUC/SP: São Paulo, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JANOTTI, Maria. O livro Fontes Históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LE GOFF, Jacques. Documento e monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Trad. de Irene Ferreira et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- LOZANO, José Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa em história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e

Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003. (Coleção Educação é História, 1).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIÑAO FRAGO, Antônio. História de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

Artigo recebido em 2 de março de 2013 e aprovado em 11 de abril de 2013.